

A EXPERIÊNCIA DE ESCREVER ENQUANTO MICRO RESISTÊNCIA AOS DISCURSOS HEGEMÔNICOS¹

Francisco Welligton de Sousa Barbosa Junior²

Maria Manuel Rocha Teixeira Baptista³

| 159

Resumo

Somos feitos de palavras, palavras que nos dizem sobre nós e que reproduzimos, conduzindo-nos a nos fazer corpos dóceis para seguirmos uma lógica de um aparelho de poder. Essa lógica, em nosso caso, contempla uma excessiva valorização do trabalho e do consumo. E estes processos de reprodução de palavras e de produção de corpos dóceis estão presentes em muitas de nossas práticas, como por exemplo a escrita, que desde seu surgimento há mais de cinco mil anos é utilizada como ferramenta para perpetuar uma lógica de poder. Nos dias de hoje temos, entre outros casos, o das escritas realizadas nos processos de educação nas escolas, que contribuem para a reprodução e internalização destes discursos hegemônicos a partir dos conteúdos transmitidos por professores e das inúmeras informações dos cada vez mais volumosos livros. O fim de tudo isso não é outro que não o direcionamento para o mercado de trabalho e para o consumo. Apenas. Há também a realização de provas escritas, que nada mais são do que verdadeiros exames no sentido foucaultiano da palavra, que possibilitam verificar quais corpos foram docilizados e quais não o foram, e que por isso deverão ser “corrigidos”. No entanto, sabendo isso e que no seio do próprio poder se encontram pontos de resistência, propomos neste trabalho de caráter teórico-bibliográfico refletir sobre as possibilidades da prática da escrita enquanto uma microrresistência aos discursos hegemônicos, o que se dá, pensamos nós, quando vivida e realizada enquanto experiência, conforme nos traz Larrosa (2014). Assim, orientados a partir deste objetivo, realizamos uma revisão bibliográfica sobre o conceito de experiência a partir do referencial do autor apontado e sobre o escrever em diversas modalidades, contemplando olhares de autores que tratam da temática. Seguindo este caminho, o que percebemos é que a experiência de escrever convoca o homem a inúmeras possibilidades, como: a liberação de sua fala autêntica, que fora sufocada pelos ditames sociais; voltar-se sobre si e sua história, reconstruí-la no presente e tornar-se agente de si e do mundo; compreender melhor sua realidade, conscientizar-se e nela poder intervir; forjar um corpo novo, diferente do destino que lhe fora traçado. Isso nos permite afirmar que existe um próprio corpo docilizado que, a partir da experiência de escrever, libera sua fala autêntica, que estava sufocada pelos discursos dominantes, questiona as práticas e os saberes dominantes, ao mesmo instante em que constrói novos saberes, novos lugares de ser, contribuindo em possibilidades para intervir em suas realidades, o que nos leva a pontuar que esta experiência se faz enquanto uma microrresistência aos discursos hegemônicos.

PALAVRAS-CHAVE

Escrita; Experiência; Resistência; Hegemonia.

Introdução

Somos feitos de palavras (Larrosa, 2014), palavras que nos dizem sobre nós e que reproduzimos, contribuindo a nos fazer corpos dóceis para seguirmos uma lógica de um aparelho de poder. No caso de nossas realidades podemos ressaltar uma excessiva valorização

¹ Trabalho apresentado durante o XII Encontro Internacional OTIUM e VI Congresso Internacional em Estudos Culturais - Ócios e Resistências: Crescer e Envelhecer em Contextos Culturais Diversos.

² Doutorando em Estudos Culturais, Universidade de Aveiro. E-mail: welligtonbjr@gmail.com.

³ Professora do Programa Doutoral em Estudos Culturais, Universidade de Aveiro, e-mail: mbaptista@ua.pt.

do trabalho e do consumo. Quando nos referimos a isso, estamos nós tratando de uma configuração de poder em que se governa politicamente e se domina ideologicamente, e se criam blocos que atravessam todas as classes ou até mesmo a sociedade como um todo, e cujos interesses não são outros que não atender àqueles de um grupo específico. É o que se concebe a partir do conceito de hegemonia (Hall, 2016).

160 | Gramsci (1978), ao tratar sobre algumas relações referentes a este conceito, hegemonia, nos afirma primeiramente que existe uma relação pedagógica, em que as gerações entram em contato com as experiências das anteriores e seus valores, os quais são historicamente repassados. E é justamente nessa experiência que o sujeito se vai produzindo. Ou seja, o que temos é uma hegemonia, a qual, ainda segundo o autor, se dá desde um âmbito micro a macros, desde cidades a países e continentes.

E como isso é transmitido, afinal? Como são transmitidas essas experiências, das quais se produz hegemonia? Segundo o autor, é a partir da linguagem. É a linguagem que permite essa transmissão, que é a transmissão de uma cultura. E ao mesmo instante em que a linguagem transmite cultura, ela também se faz enquanto cultura (Gramsci, 1978), pois a linguagem "contém os elementos da concepção do mundo e de uma cultura" (p.13).

Processos como esses estão presentes em muitas de nossas práticas, como por exemplo a escrita, que desde seu surgimento há mais de cinco mil anos é utilizada como ferramenta para transmitir uma cultura e, conseqüentemente, perpetuar uma lógica de poder (Calvet, 2007; Lledó, 1998).

Se voltarmos nosso olhar para os dias de hoje e tomarmos de uma situação comum, podemos afirmar em termos práticos isso que mencionamos. É o caso, por exemplo, das escritas realizadas nos processos de educação nas escolas, que contribuem para a reprodução e internalização destes discursos hegemônicos a partir dos conteúdos transmitidos por professores e das inúmeras informações dos cada vez mais volumosos livros. O fim disso não é outro que não o direcionamento para o mercado de trabalho e para o consumo. Há também a realização de provas escritas, que nada mais são do que verdadeiros exames no sentido foucaultiano da palavra, que possibilitam verificar quais corpos foram docilizados e quais não o foram, e que por isso deverão ser "corrigidos" (Foucault, 2010b).

No entanto, sabendo isso e que no seio do próprio poder se encontram pontos de resistência (Foucault, 1999), propomos neste trabalho de caráter teórico-bibliográfico refletir sobre as possibilidades da prática da escrita enquanto uma microrresistência aos discursos hegemônicos. E isso se dá, pensamos nós, quando a escrita é vivida e realizada enquanto experiência, conceito este que nos traz Larrosa (2014), visto que na experiência se faz possível produzirmos outras palavras, outros saberes, diferentes destes que o outro nos diz.

Metodologia

Pois bem, orientados a partir de nosso objetivo realizamos uma revisão bibliográfica (Marconi & Lakatos, 2002) com base em escritos de Jorge Larrosa (2014) sobre o conceito de experiência, em que tomamos delineamentos e direcionamentos que perpassam uma relação entre o subjetivo, o cultural, o político e o contra-hegemônico, como poderemos notar em momento mais à frente em nosso texto.



Em seguida, e inspirados em apreensões sobre este conceito, debruçamo-nos sobre uma escrita nessa possibilidade, o que nos foi possível a partir de uma revisão bibliográfica sobre modalidades de escrita, em que nos pautamos a partir de escritos de autores que tratam da temática, como AmatuZZi (1989) e Paulo Freire (2015, 2017) com as questões sobre a fala autêntica e as escritas, entre a palavra do opressor e a do oprimido; Chiantaretto (2017) e as resistências a partir da escrita de si; Brum (2014) e as escritas terapêutica e de criação de novos lugares de ser; Wright (1992), a escrita e a linguagem poética, que subvertem a linguagem; Teixeira (2003) e a conscientização a partir da escrita autobiográfica.

Sabendo isso, partimos para o próximo ponto de nosso texto, em que iniciamos apresentando delineamentos acerca do conceito de experiência a partir de Larrosa (2014) e explicando em que ela consiste e em que ela não consiste.

Sobre o Conceito de Experiência

Antes de mais, o primeiro ponto que devemos frisar para que compreendamos este conceito é que a experiência não consiste em uma prática em que se aperta um botão ou se faz qualquer coisa e se observam os resultados, muitos menos consiste em um experimento científico. Ela, a experiência, é completamente diferente disso (Larrosa, 2014b).

Segundo Larrosa (2014b), somos feitos de palavras, palavras daquilo que nos dizem, que nos acontece, e que fazem de nós o que somos. E a experiência se dá justamente nesse campo da palavra, em que se produz uma nova diante daquelas que existem.

A experiência, ou seja, esse processo de produção de palavra, se faz enquanto uma prática que consiste em um encontro (Larrosa, 2014b; Heidegger, 2003). De acordo com Larrosa (2014a, p.10), ela

é algo que nos acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então, somente então, se converte em canto

Ou, como diz Heidegger (2003), “fazer uma experiência com algo, seja com uma coisa, com um ser humano, com um deus, significa que esse algo nos atropela, nos vem ao encontro, nos chega até nós, nos avassala e nos transforma” (p.121).

O que podemos afirmar diante disso é que a experiência, se tomada e interpretada nessa possibilidade, se encontra não no campo do manipulável ou do controlável, muito menos dos discursos que dizem sobre nós; mas sim no campo do vivido, da palavra vivida e produzida, e que nos permite dizer sobre nós, e nos permite produzir um corpo.

Na contemporaneidade, de acordo com Larrosa (2014b), existem alguns empecilhos para se viver experiência, dentre os quais destacamos três. O primeiro refere-se à busca excessiva por trabalhar, pois o indivíduo cada vez mais vem preenchendo todos os seus tempos com o trabalho, não deixando tempo nem espaço para nada. Outro ponto mencionado é a pressa frente à realização das atividades cotidianas. E o terceiro ponto de que nos fala o autor consiste no excesso de informações. Diante disso, o que percebemos é que parece não haver tempo para viver ou assimilar o que seja.



Assim, e diante deste que é um correr nas mais diversas formas, como mencionados nestes três pontos, Larrosa (2014b) nos propõe algumas condições para fazer essa produção de palavras, a experiência. O autor nos afirma que é preciso parar, parar para sentir, para escutar, para observar. Não rapidamente, mas devagar. É preciso abrir os olhos e os ouvidos para nos permitirmos um encontro em que percebamos aquilo que comumente nos passa despercebido. É preciso paciência e é preciso dar-se tempo e espaço. É preciso, portanto, fazer do silêncio um lugar de expressão, pois é nesse lugar onde as palavras devem ser encontradas. É nesse lugar onde serão encontradas aquelas que são capazes de "falar o silêncio" (Chiantaretto, 2017, p.117).

É interessante pontuarmos que em um contexto como esses em que vivemos, cujos discursos dominantes são não parar e cada vez mais correr, produzindo e consumindo, parecemos já que o parar se faz enquanto possibilidade para uma resistência a estes discursos e a esta forma de viver e de reproduzir palavras ou, melhor dizendo, de reproduzir-se a partir das reprodução das palavras impostas.

Fazer experiência, portanto, pressupõe uma entrega ao aqui e agora (Larrosa, 2014c). E essa entrega convoca um apassivamento, um apaixonamento, no sentido grego de *pathos*, em que o indivíduo se *ex-põe*, permitindo-se tombar, arrebatar, sentindo os sabores e os saberes dessa que é uma travessia perigosa rumo ao desconhecido (Larrosa, 2014b; Heidegger, 2003).

E esse perigo de que fala o autor refere-se ao perigo em relação ao instituído, aos discursos dominantes, hegemônicos, que tudo contornam e nada contestam, a não ser para atravessá-lo, contorná-lo e dominá-lo. É um perigo a essa palavra que faz um chão, um lugar e uma corrente. É um perigo a tudo isso que nos produz e que reproduzimos. É um perigo também a nós mesmos, pois não sabemos da palavra que se produz na experiência, quantas outras podem ser possíveis, e o que será desse que é nosso corpo-palavra.

A experiência, assim poderíamos pensar, possibilita traçar uma abertura que escapa ao instituído, às ordens de um aparelho de poder. Pois ela produz uma nova palavra, possibilitando àquilo que outrora era despotência do indivíduo tornar-se potência, e produzindo um novo corpo com novos discursos, saberes e práxis, fazendo-se assim enquanto uma microrresistência.

Esse indivíduo, o que faz experiência, ele está produzindo uma força, que é apenas sua, a qual se expressa em forma de saber e de práxis, mas que não é um saber científico nem da informação, nem uma práxis relacionada à técnica ou ao trabalho (Larrosa, 2014b). Pois os saberes e práxis possibilitados na experiência caminham por caminhos que não têm como fim a extração de uma força produtiva, para uma apropriação com fins utilitaristas, em que o "conhecimento" se torna apenas uma mediação entre o que nos dizem serem as necessidades da "vida", que são tomadas como indistintas das necessidades do capital e do Estado (Larrosa, 2014b).

Ressaltamos também que esse saber da experiência é inseparável do indivíduo. Além do mais, ele não é externo a ele, não vem de fora, como o conhecimento científico. O saber da experiência tem sentido apenas no modo como se configura enquanto um caráter, uma personalidade, uma sensibilidade, um modo singular de estar no mundo, o que nos sugere então que o saber da experiência se constitui enquanto uma ética (Larrosa, 2014b).



Isso nos permite pensar que o saber da experiência e a própria práxis parecem alimentar-se um ao outro, fazendo-se enquanto corpo-palavra, que, conforme mencionado, traça possibilidades diferentes daquelas impostas pelos discursos hegemônicos.

Sobre a Experiência da Escrita: o que nos dizem alguns autores

| 163

Conforme mencionamos em início desse texto, a escrita é feita a partir de palavras, as quais estão sujeitas e são produzidas e reproduzidas por um aparelho de poder, seus saberes e discursos hegemônicos. No entanto, se tomada enquanto experiência ela pode ser compreendida enquanto uma microrresistência.

E uma vez que a resistência se faz a partir de pontos no seio do poder (Foucault, 2010a), o mesmo ocorre com a escrita se tomada enquanto experiência: nos utilizamos da palavra que diz sobre nós, e que nos compõe, para liberarmos o que nos está sufocado pelos discursos hegemônicos. Assim, produzimos uma nova palavra, a qual não fica somente no papel, mas nos compõe e faz de nós um novo corpo-palavra. É o que fazem os poetas, por exemplo, que parecem tirar palavras "de dentro" de outras, e com isso recriam-se, e a cada poema produzem seu corpo, traçando um lugar singular. Vejamos o que dizem alguns autores a respeito, a partir de diversas modalidades de escrita.

Segundo AmatuZZi (1989) e Paulo Freire (2015), a escrita pode ser uma possibilidade para que o homem expresse e se aproprie do que eles referem como sua *fala autêntica*: as palavras, expressões, concepções, formas de ser e de estar no mundo, que nele estão presas e que foram sufocadas pelas imposições dos ditames sociais.

Paulo Freire sublinha, igualmente, que existem duas palavras: a palavra do sujeito e a palavra alheia, a qual se sobrepõe à palavra do sujeito e o oprime. É a palavra do opressor e a do oprimido, portanto, criando no oprimido como que uma dualidade: sua palavra, que está oprimida, e a palavra do opressor, que agora lhe é interna também (AmatuZZi, 1989; Freire, 2015). Isso produz a seguinte questão: quando o oprimido fala, qual é a fala que ele está falando? É a sua ou a do opressor? (AmatuZZi, 1989; Freire, 2015).

Deste modo, a escrita, juntamente à leitura, quando não são aquelas de um decorar e reproduzir palavras como "b-a-ba", mas sim aquelas relacionadas à realidade do homem, podem possibilitar-lhe compreendê-la melhor, conscientizar-se, como diz Paulo Freire (2015, 2017). Pois o analfabeto, segundo o autor, não é o que não sabe ler nem escrever. É o que não sabe ler nem escrever o mundo, ou seja, aquele que não está consciente daquilo que se passa e lhe acontece. É o que o autor trata como o homem oprimido, aquele que não tem consciência crítica de sua realidade e assim não pode lutar para libertar-se, para, como nos diz, *ser mais*. É aquele docilizado que não se percebe enquanto tal.

Algo semelhante nos apresenta Teixeira (2003) quando nos fala sobre a prática da escrita e o homem que escreve. De acordo com a autora, toda prática de escrita é uma experiência em que o homem escreve sua própria história de vida, o que nada mais é do que um *escrever-se*. É o que ela define enquanto escrita autobiográfica.

Nessa prática o homem que escreve, segundo a autora, volta-se sobre sua própria história e se posiciona de modo a reconstruí-la, o que lhe possibilita tomar consciência de seu lugar no mundo, podendo assim ressignificar sua história e sair de uma posição alienada frente à História e se tornar a gente de si e do mundo.



Segundo Chiantaretto (2017), a escrita possibilita àquele que escreve determinar seu lugar, aqui compreendido enquanto lugar de ser e de estar. Para isso é necessário que o homem convoque uma confiança acerca das palavras em que ele possa se fazer falar e escutar em direção ao outro em si mesmo, em meio à busca de sobrevivência à intrusão de si da necessidade do outro.

164 | Quando se escreve, ainda de acordo com o autor, tem-se a garantia de uma escuta, num diálogo interno entre aquilo que está sufocado e o que o está sufocando. Nessa escrita, a que o autor nomeia como "escrita de si", aquele que escreve sai de um lugar de "sobrevivência jamais sobrevivida" (p.113), pois a escrita de si "permite criar, quer dizer, criar um lugar para viver, para fazer, apesar de tudo, a experiência de viver a vida" (p.114).

A escrita, portanto, segundo o autor, convoca uma resistência à qual tanto ela – a escrita – é uma testemunha quanto no-la coloca à vista. É ao que ele se refere como "a resistência ao assassinato da interioridade, o assassinato da alma" (p.119). Isso porque "as palavras [...] são o lugar do enigma do ser, enigma que, se ele contacta, autoriza a viver, quer dizer, a se liberar da condenação de sobreviver" (p.119).

Já Brum (2014), ao nos falar sobre a escrita, tanto nos frisa sobre um lugar em que podemos interpretá-lo a partir de uma possibilidade terapêutica, assim como também o traz e o faz enquanto uma prática em que se destaca essa criação de um corpo, um corpo novo, um corpo que nasce, como a própria autora assim trata.

Segundo a autora, existe uma língua, que é o primeiro território de cada pessoa. No entanto, a escrita abre outras possibilidades para além da língua, em que ela se faz enquanto um lugar do não-lugar (Brum, 2014), ou seja, um lugar não pré-estabelecido, um lugar novo, um lugar único, e por isso apontado enquanto sem lugar, sem nome.

Conforme nos afirma a própria autora, tomando agora de um exemplo pessoal,

A palavra escrita me encarnou em um corpo onde eu podia viver. O corpo-letra. Ao fazer marcas no papel, com a ponta dura da caneta, entrei no território das possibilidades. (...) A literalidade que assinala meu estar no mundo, fazendo de mim uma geografia em que os sentimentos escavam quase mortes, encontrou uma mediação. Pela palavra escrita eu tornava-me capaz de transcender o concreto, transformar impotência em potência (p.47).

Ou seja, na experiência com a palavra escrita existe a morte de um corpo para além do próprio corpo, para o nascimento de um novo, em que se liberam as potências do indivíduo, podendo inclusive aquele que escreve forjar um destino diferente do que lhe fora traçado. Daí que a autora afirma que escrever torna-se um parto para a vida (Brum, 2014).

E esta experiência, que a autora lhe afirma ser tão intrínseca, é fortemente apresentada na seguinte afirmação: "Sei que para mim não existe vida fora da palavra escrita. Só sei ser – por escrito" (Brum, 2014, p.36), o que nos permite afirmar que a escrita para a autora parece ser mais do que um lugar de voz ou de resistência, mas sim um lugar de Ser e de produção de si, em que o corpo produzido, poderíamos assim afirmar, é um corpo indócil, um corpo que é a própria resistência e que faz resistência tanto ao escrever quanto em se produzir enquanto corpo-escrita. É um corpo que "é" e que se tornará.

Isso nos remete também ao que Foucault (2015) nos fala ao tratar da escrita. Segundo o filósofo, "escrever é pois 'mostrar-se', dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao Outro" (p.150), pois o papel da escrita é a constituição de um corpo, o qual não deve ser



percebido como um corpo de doutrina, mas sim aquele que fez sua respectiva verdade, visto que “a escrita transforma a coisa vista ou ouvida ‘em forças e em sangue’” (p.143).

E essa escrita, segundo Wright (1992), dá-se a partir de uma linguagem poética. O que se quer dizer com isso não é que apenas os poetas podem tomá-la ou apropriar-se dela. Mas sim que nessa escrita existe uma espécie de subversão de uma linguagem e de uma cultura, pois a cultura está na linguagem, esta é feita de cultura (Gramsci, 1978).

Desse modo, da palavra que o outro nos diz, que é uma palavra de uma cultura, podemos “abri-la”, poeticamente falando, e daí criar outras palavras a partir da escrita, palavras estas que liberem o que nos fora sufocado (Wright, 1992). O que já nos pressupõe mais uma vez a afirmar e enfatizar que a cultura, a linguagem, a palavra, e a escrita da palavra são atravessadas por relações de poder.

Temos assim que a experiência da escrita, nestas diversas modalidades, faz-se enquanto uma experiência de questionamento de formas de ser e de estar no mundo, em que se produzem outros lugares, que não seguem uma lógica representada ou conduzida a partir de hegemonias, de aparelhos de poder, do Estado e do capitalismo. Parece haver, portanto, uma lógica própria a partir da experiência de escrever, guiada a partir dos saberes que derivam desta experiência, o que também lhe confere um caráter de intervenção social.

Considerações Finais

Ao longo deste texto caminhamos em busca de apresentar como a experiência de escrever pode ser percebida enquanto uma microrresistência aos discursos hegemônicos. Com esse intuito dividimos nosso texto em duas partes: na primeira, em que tratamos do conceito de experiência, e na segunda, em que nos debruçamos sobre pensamentos de autores que discorrem acerca da escrita, a qual interpretamos nessa possibilidade.

Nesse primeiro momento o que percebemos é a experiência enquanto uma vivência perigosa, visto que ela possibilita a produção de novas palavras a partir daquelas que estão instituídas e que dizem sobre nós e nos impõem lugares de ser e estar. Ou seja, a experiência faz-se enquanto práxis numa possibilidade de traçar um caminho novo e desconhecido, de que derivam saberes que não se conduzem a partir dos discursos hegemônicos.

Sabendo isto, caminhamos para a experiência da escrita a partir de diversas modalidades, em que percebemos uma escrita que possibilita a liberação da palavra autêntica sufocada do indivíduo, e o seu mergulhar em si e em suas próprias realidades, podendo compreendê-las e assim traçar novas possibilidades para forjar lugares de ser diferentes daqueles que lhe foram atribuídos. É uma experiência em que subjazem as subjetividades daqueles corpos considerados docilizados, dessubjetivados, e o que antes era uma voz contida torna-se um questionamento – traço este bastante marcante em todas as modalidades apontadas. Estes sujeitos, portanto, saem de uma condição de passividade frente a si, às suas histórias e à História, e se tornam agentes de si e do mundo, possibilitando-lhes intervenções em suas realidades.

Isso nos leva à compreensão de que a experiência de escrever pode ser considerada como uma microrresistência aos discursos hegemônicos, além de uma prática de intervenção social, em que ela se faz enquanto possibilidade capaz de produzir saberes que a sustentam e que também podem levar à produção de outras possíveis práticas de resistência.



Referências Bibliográficas

- Amatuzzi, M. M. (1989). *O Resgate da Fala Autêntica*. Campinas, SP: Papirus, 1989.
- Brum, E. (2014). *Meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras*. São Paulo: LeYa.
- Calvet, L. J. (2007). *Historia de la escritura: de Mesopotamia hasta nuestros días*. 1ed. (Trad. Javier Palacion Tauste). Barcelona: Edições Paidós Ibérica.
- Chiantaretto, J. F. (2017). O testemunho interno: a escritura de si, trauma e psicopatologia dos limites. In D. M. Amparo, E. R. Lazzarini, I. M. Silva, & L. Polejack. (Org.). *Psicologia Clínica e Cultura Contemporânea 3*. Brasília: Technopolitik, p.108-128.
- Foucault, M. (1999). *O dispositivo de sexualidade*. In *História da sexualidade, v.1: A vontade de saber*. 13ed. (Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque). Rio de Janeiro: Graal. p.73-123.
- Foucault, M. (2010a). *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. 2ed. (Trad. Maria Ermantina Galvão). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- Foucault, M. (2010b). *Vigiar e punir*. 38ed. (Trad. Ramalhete, R.). Petrópolis: Vozes.
- Foucault, M. (2015). A escrita de si. In *O que é um autor?*. 9.ed. (Trad. Antônio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro). Lisboa: Nova Veja, p.129-160.
- Freire, P. (2015). *Pedagogia do oprimido*. 59.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- _____. (2017). *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 51ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez.
- Gramsci, A. (1978). *Concepção dialética da História*. 3ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Hall, S. (2016). *Cultural Studies 1983: a theoretical history*. J. D. Slack, & L. Grossberg (Ed.). Durham: Duke University Press.
- Heidegger, M. (2003). A essência da linguagem. In *A caminho da linguagem*. (Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback). Petrópolis -Rio de Janeiro: Vozes / Bragança Paulista – São Paulo: Editora Universitária São Francisco. p.121-171.
- Larrosa, J. (2014a). Prólogo. In J. Larrosa (Org.). In J. Larrosa (Org.). *Tremores: escritos sobre experiência*. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica. p.09-14.
- Larrosa, J. (2014b). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. (Trad. J. W. Geraldi). In J. Larrosa (Org.). *Tremores: escritos sobre experiência*. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica. p.15-34.
- Larrosa, J. (2014c). A experiência e suas linguagens. (Trad. C. Antunes). In J. Larrosa (Org.). *Tremores: escritos sobre experiência*. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica. p.35-56.
- Lledó, E. (1998). *El silencio de la escritura*. 2ed. (1ed. 1991). Madrid: Epublibre.
- Marconi, M. A. & Lakatos, E. M. (2002). *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*. São Paulo: Atlas.
- Teixeira, L. C. (2003). Escrita autobiográfica e construção subjetiva. *Psicologia USP*, 14(1), p.37-64.
- Wright, E. (1992). Language. In W. Wright. (Org.). *Feminism and Psychoanalysis. A Critical Dictionary*. Oxford: Blackwell Publishers.

